

# As Lavadeiras



**A**S Lavadeiras foram durante muitas décadas uma verdadeira instituição nacional. Por todo o país, os cursos de água (outroa bem menos poluídos) eram os locais onde autênticos batalhões de mulheres, muitas delas as

chamadas criadas de servir, acorriam diariamente para lavar as roupas das nossas casas.

Eram outros tempos. Ainda não tinham inventado as máquinas de lavar e muitas mulheres eram lavadeiras de profissão. Um profissão violenta que as deixavam extenuadas no final de cada dia.



Quem não se lembra das lavadeiras, batendo a roupa nas pedras de moinho, nos rios que atravessam a nossa cidade?

Eram lindas as suas vozes, os seus cantares!... De manhã, ainda antes de alvorecer, começavam o seu dia, que se prolongava, muitas vezes, até ao anoitecer.

Alcançaram algum prestígio, impondo-se pela sua graciosidade e pela sinceridade quase ingénua com que lidavam com as freguesas, as denominadas "senhoras".



Os tanques denominados por almácegas, eram normalmente construídos por maridos ou familiares e de uso reservado. Havia também quem lavasse nos rios de água corrente, ajeitando cada lavadeira o seu

próprio lavadouro. Faziam-no de joalheiras para não ferir os joelhos e poupar as vestes, dado o elevado número de horas de trabalho a que se submetiam, batendo a roupa mais grossa com a "malha", apetrecho essencial nesta tarefa.

No início do século deslocavam-se de burro, dois cestos "calhau" um de cada lado e a lavadeira em cima da albarda; iam também de carroça puxada por uma parrelha de mulas ou machos com quatro ou cinco lavadeiras empoleiradas no cimo.

Outras, com melhores meios, deslocavam-se de galera; mais tarde, por volta dos anos vinte, começaram a fazer o trajecto em camionetas de caixa aberta, que alugavam.

No início do século, era atribulada a viagem, já que as lavadeiras tinham de fazer parte do percurso a pé, quando a estrada inclinava.

Normalmente, nas carroças, iam em cima das trouxas, sendo estas presas com cordas, como já referi, cada carroça levava, em média, quatro e às vezes cinco mulheres. Não era raro ver um turista estrangeiro fotogra - fando as lavadeiras nos rios, de saia ensacada e traçada no meio das pernas, para que não se molhasse, ou um pintor, amador ou não, com o seu pincel esboçando

todo aquele cenário, digno de ser memorizado na tela.

### **A máquina "matou" as lavadeiras ...**

O desaparecimento desta e de outras profissões é explicado pelos especialistas com a evolução da sociedade, das tecnologias e do próprio mercado de trabalho...

## **Dela ficaram, para recordar, as cantigas que ajudavam a suavizar as agruras e as penas das nossas lavadeiras:**

A água corre p'ró rio  
O rio corre p'ró mar  
Olha a pobre lavadeira  
Sem ter água p'ra lavar

Ora bate lavadeira, lavadeira  
bate, bate  
As nossas cantigas já não têm remate  
Ora bate lavadeira, lavadeira  
bate bem

As nossas cantigas remate não têm.

Fui-me despedir do rio  
E das pedras de lavar  
Só de ti, amor, não posso  
Despedir-me sem chorar.

Vão as damas para o meio  
E também o cidadão  
Já não há quem queira amar  
Este nosso coração.

# O Fotógrafo á lá minute



**Fotógrafo lambe -lambe:** o profissional foi nomeado desta forma devido ao gesto de lambe a placa para verificar o lado em que estava a emulsão, caso contrário a foto sairia desfocada.

O **Fotógrafo** chegava, trazendo nas mãos tudo aquilo de que ia precisar, quer para a fotografia, quer para a sua revelação. Montava o caixote de fotografar sobre um tripé e ficava à espera dos clientes que quisessem deixar-se registar para a posteridade. Nas faces laterais da máquina havia

algumas amostras das diferentes fotos que cada um podia escolher. Na face traseira da caixa via-se um pano escuro e opaco, onde, às tantas, o homem enfiava a cabeça para fazer o enquadramento das pessoas que iriam ser fotografadas e, na face dianteira estava um fole preto com a objectiva na ponta.

Depois, havia ainda um recipiente onde ele punha um líquido com um cheiro muito activo que fazia aparecer a ima-



gem no papel e, também, um

balde com água onde, por fim, os retratos eram lavadas e finalmente postos a secar, com as molas utilizadas para os suspender, no fio amarrado às pernas do tripé. Quando o grupo estava já a postos, com um sorriso de orelha a orelha, lá vinha a voz do artista, de mão levantada a acenar: “Olha o passarinho”! Ao mesmo tempo apertava a bolinha de borracha que tinha na mão e que ligada ao caixote, fazia o disparo da foto. Hoje em dia, é raro encontrar um fotógrafo lambe-lambe nas ruas, especialmente por causa da popularização das máquinas fotográficas de manuseio mais facilitado e preço acessível e de toda a evolução tecnológica ao nível da fotografia.